Na boca de um comandante do banditismo

19-1-84

Como bandidos armados viram o Acordo de Nkomati

"Governo cumpre promessa de perdoar aos que se entregam"—afirma Octávio Dinis Chirindza, fugitivo dos bandidos armados

«O Acordo de Nkomati deixou os bandidos armados desorientados, porque todos perceberam que cedo ou tarde serão liquidados. A minha alta colocação lá, permitiu-me conhecer o pânico no seio do comando dos bandidos e o sentimento, que existe, de que foram traídos pela África do Sul e agora a estratégia é de matar e escangalhar tudo e cada um procurar salvar-se como puder» — estas palavras são de Octávio Dinis Chirindza, que deixou os bandos armados, onde atingiu o posto de comandante de companhia, para se entregar às nossas Forças, em Gaza.

Quando, nas instalações do Comando Militar de Gaza, em Chibuto, anunciaram que o nosso próximo entrevistado seria um chefe dos bandidos armados que se entregara e que tivera sob o seu comando mais de 80 homens, esperávamos ver um indivíduo de olhos injectados de sangue, cabelo abundante e eriçado, feições duras, próprias de um dirigente de sanguinários.

A ideia que fazíamos era de um indivíduo com os pés gretados, de tanto calcorrear descalço matas e cavernas nas deambulações que os bandidos fazem durante as suas incursões de pilhagem e destruição, roupas já cheias de sebo e reduzidas a tiras.

O desapontamento que sofremos foi total. A pessoa que se nos apresentou foi um jovem bem lavado e penteado, trajando roupa de boa qualidade e limpa, incluindo um casaco de lã, calçando botas em bom estado de conservação.

AS RAZÕES DA MUDANÇA

Como que adivinhando a nossa perplexidade, um dos oficiais das FAM/FPLM que servia de elemento de ligação do Comando Militar com a Informação esclareceu-nos de pronto:

Este lá está lavado e com o cabelo cortado. Já livou a pele de bicho, como podem ver lá é gente. Esta roupa foi a família que lho trouxe. O bom tratamento que damos aos bandidos que se entregam inclui, como ele próprio pode confirmar, receber visitas de familiares.

Segundo viemos a saber do próprio, foi o único dos bandidos em poder do Comando Militar em Gaza a receber visita de familiares (a mãe e uma irmã), por residirem mesmo em Chibuto. Quando chegaram, mal o viram lavaram-se em lágrimas, por saberem que o seu filho e irmão conseguiu escapar com vida do mau caminho em que estivera envolvido.

— Então conta lá, como é que foste parar nos bandos armados? — perguntamos ao Octávio Dinis Chirindza.

A história é longa — começa por dizer — e vou tentar resumi-la sem tirar muita coisa. Eu tenho 26 anos e sou natural daqui de Chibuto, 2.º Bairro do Círculo de Matxacuane, localidade de Alto Changane. Tenho mulher e uma filha. Vivia em Maputo, em casa de um primo, no Chamanculo, e quando fui à Direcção do Trabalho inscrever-me para arranjar emprego de dactilógrafo ou escriturário pediram-me diploma de qualificação, mas este tinha ficado em casa dos meus pais, aqui em Chibuto.

Bem falante e de poses e gesticulações quase teatrais, Octávio Dinis Chirindza é um indivíduo que nos pareceu muito presumoso cuja ânsia de ter sido chefe dos bandidos armados ainda o enche de vaidade.

Esta foi a impressão que nos causou durante a cerca de uma hora que com ele conversámos. Apesar de ter fugido e haver-se apresentado às autoridades, não deixava de ser um bandido. Por isso, só depois dele nos falar do excelente tratamento a que tem sido submetido, a confirmar o perdão decretado pelo Governo aos bandidos que se entregam, compreendemos a razão de todo aquele à-vontade e sorriso permanente nos lábios.

Então, quando voltei à casa dos meus pais, às 21 horas do dia 29 de Novembro de 1983 houve um ataque dos bandidos à nossa zona, assaltaram casas e roubaram bens da população, gado bovino, pequenos animais, como galinhas e cabritos e levaram também muita gente da população. Nesses assaltos chegaram também à minha casa, onde roubaram e obrigaram-me a juntar-me aos outros que lá levavam consigo.

O RAPTO

Todas as pessoas raptadas foram conduzidas ao acampamento de Hali, Hali, situado em Mangoro, Província de Gaza, onde permitaram dois dias conforme explica Octávio Dinis Chirindza.

Ao terceiro dia — prossegue — muitos foram mandados regressar às casas, entre mulheres e homens já idosos. Apenas ficamos eu, o Jaime Tivane e o Quive, que éramos os mais jovens. Daqui fomos conduzidos para o acampamento de Cuzoanhane, limite de Gaza com Inhambane. Fomos submetidos a um treino e pouco depois de concluírmos a instrução houve um ataque das FAM/FPLM ao nosso acampamento, durante o qual além de alguns mortos e feridos eles capturaram uma peça de morteiro de 120 milímetros. Então, recuámos dessa posição e fomos para o acampamento de Txane-Txane, lá em Inhambane...

— Mas, essa história de comandante como é que foi?

— Ahn! É verdade — responde o nosso interlocutor — concluído o treino, fui investido como comandante de companhia e deram-me a 2.ª companhia de operações de Cuzoanhane.

— E porque é que te escolheram para comandante? Que atributos especiais demonstraste durante o treino?

Octávio Dinis Chirindza não gosta do tom desta pergunta, franziu ligeiramente a testa, mas recompondo-se rapidamente recuperou o seu sorriso e prosseguiu:

Não sei concretamente por que foi. Mas suspeito que deve ter sido o facto de ter como habilitações literárias a 7.ª classe, porque assim estava em melhor posição de fazer relatórios ao comandante geral do acampamento central, sobre as nossas operações, como de facto sucedeu. Portanto, eu era quem tinha maiores habilitações.

CARACTERIZAÇÃO DE FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES

— E como comandante de companhia, quais eram as tuas funções e responsabilidades nos bandos armados?

As minhas funções eram de dirigir assaltos e outros ataques que a minha companhia fazia. E depois elaborar o relatório dessas operações. Eu tinha sob as minhas ordens três chefes de pelotões e 12 sargentos que chefiavam as sacções, constituídas por 82 homens.

— E quantos assaltos dirigiste e em que lugares?

A minha companhia, enquanto eu lá estava, fez três operações. Duas em Maquoze, onde atacámos a vila e outros alvos. Depois fomos atacar Memo, em Manjacaze, uma posição de soldados. Aqui foi um desastre total, em que tivemos que fugir em debandada, deixando no terreno 10 mortos e cinco feridos nossos.

— Só foram estas as acções em que tomaste parte?

Sim, foram só estas. Depois disto fui fazer um descanso no acampamento de Txane-Txane. Então depois da assinatura do Acordo de Nkomati começámos a ouvir através do rádio que a Frelimo perdoa a todos os bandidos que se entregarem com arma e foi aí que comecei a pensar em fugir.

A FUGA

— Portanto, só quando ouviste que os bandidos que se entregassem com arma seriam perdoados pensaste em fugir dos bandidos. Se não tivesse sido isso ainda hoje lá estarias?

Penso que sim, uma vez que eu tinha medo de regressar porque nos diziam que se o fizéssemos seríamos mortos pela Frelimo.

— Como comandante de uma companhia que privilégios tinha relativamente a um bandido simples?

Eu tinha algumas regalias. Na comida, por exemplo, dependendo dos amadjibasa que nos traziam, gado bebidas, mulheres e outras coisas. Ora, como eu na minha qualidade comia na mesa do comando juntamente com outros quatro comandantes de companhia, quando matavam os bois roubados, para nós vinha a carne limpa, o bife, ou a melhor carne. Por outro lado, eu tinha direito a casa individual e uma mulher quando houvesse e um rádio. Foi assim que soube do Acordo de Nkomati primeiro que os meus homens, porque uma das nossas (dos chefes) missões era escutar todos os noticiários e explicar depois aos nossos homens as modificações que se registavam no país. O bandido simples não tem rádio, mas o chefe sim.

— Então, com todas essas regalias, tu não sofreste lá, apesar de teres sido raptado. E se estavas assim tão bem porque é que fugiste de lá?

Eu não queria estar lá. Eu tinha cá a minha vida, a mulher e a minha filha, tudo quanto me dessem lá nos bandidos não conseguiria matar o meu desejo de regressar a casa. Por isso, a medida do Governo de perdoar aqueles que se entregassem foi uma oportunidade que vi para regressar.

— Se estamos a interpretar bem, o teu desejo de regressar era apenas por causa da tua vida, da mulher e da filha. Não pensavas que aquilo que os bandidos fazem aos outros, à população em geral, ao País é mau?

Bem, eu partia dos meus, aqueles que me estão mais chegados para sentir o problema de todos, porque sendo a minha família uma parte da população defendendo-a ajudo também a defender a população em geral. É assim que eu acho que agi.

— Então, acaba lá de contar como foi a tua fuga?

Depois de ouvir essas comunicados do Governo, comecei a preparar o meu plano de fugir. Uma noite de Abril de 84, aproveitando o facto de muitos dos meus homens estarem de sentinela, verificavel todo o dispositivo de guarnição (postos fixos e móveis, num total de 69 homens). Às 21 horas da noite meti-me através dos postos fixos e fui em direcção ao Norte. Andei três semanas a andar, de dia escondia-me a dormir e andava de noite, até que fui dar a Incala, em Gaza. Aqui apresentei-me ao Comando da Polícia local, onde fui recebido e depois conduzido até ao Distrito de Macia. Daqui saí dia 8 de Maio/84 para Xai-Xai e no dia 9 de Maio fui enviado para o Chibuto.

CURANDEIRO ERA CHEFE

— Ainda sobre a tua estada lá nos bandidos, disseste que comias na mesa do comando com quatro colegas teus de posto, então quem era o chefe do acampamento?

O acampamento de Cuzoanhane é uma posição avançada, ou seja sub-acampamento, que serve de protecção ao acampamento central onde fica o comando-geral. Portanto, onde eu estava quem mandava era o «chefe nyanga» (chefe curandeiro). Esse, respondia por tudo e era adjunto do comandante-geral, que só vinha de vez em quando à nossa posição. Mas o curandeiro (chefe-nyanga) tinha além disso outra missão.

Quando saíamos para assaltos ele mandava formar a companhia e pegava nos braços do comandante, começava a ver... depois pegava no rabo de hiena, misturava drogas numa bacia com água, mergulhava o rabo de hiena e salpicava-nos com o líquido daquela droga. E assim saíamos. Isso era para nos dar sorte. Nenhuma companhia sai sem a bênção do «nyanga».

— Mas, apesar desta bênção, quando atacaram uma posição das FAM/FPLM em Manjacaze, como disseste, deixaram lá 10 mortos e cinco feridos...

Sim, deixámos.

— Quando ouviram lá no acampamento notícias sobre o Acordo de Nkomati qual foi a reacção?

Ficámos desorientados. Não sabíamos o que fazer, porque vimos que a África do Sul nos tinha abandonado. Discutimos isso no comando e percebemos que os soldados da Frelimo vão liquidar-nos cedo ou tarde, já que tinham parado os fornecimentos de armas e munições. Não há qualquer salvação.

— E de lá do comando-geral não vieram instruções sobre como deviam passar a agir?

— Veio lá ao nosso acampamento o próprio comandante, que estava muito furioso, a dizer que África do Sul traiu-nos. E que agora deviamos escangalhar e matar tudo o que encontrássemos, procurar andar em pequenos grupos ou salvarmo-nos como pudéssemos, porque os soldados vão aproveitar esta oportunidade para intensificar a guerra, para nos liquidar de vez.

BOM TRATAMENTO

— E aqui, agora, como tens sido tratado?

— Muito bem, como, tomo banho, tenho assistência médica. Eu trouxe de lá dos bandidos a doença de bilharziose, aqui mal chegue iniciei os tratamentos no hospital da vila e ainda no dia 5 de Julho tomei mais uma injecção. Agora estou melhorzinho, penso que dentro de pouco tempo ficarei curado.

Octávio Dinis Chirindza terminou dizendo que estava satisfeito com a forma como foi recebido pela Frelimo, já viu sua família e recebeu roupa de casa.

— Este tratamento mostra que o Governo está a cumprir a promessa de perdoar os bandidos armados que se entregam — disse.

O ar de Octávio Dinis Chirindza é testemunho da confiança que ganhou no Governo, quando viu que este cumpriu a promessa de perdoar os bandidos armados que se entregam